


» Protagonistas

A portrait of Carlos Amaral Dias, a middle-aged man with grey hair, wearing a dark suit, white shirt, and light blue tie. He is sitting in a patterned armchair in a study, with his hands clasped on a wooden table. Behind him is a large bookshelf filled with books and a window with patterned curtains. The lighting is warm and focused on him.

Psiquiatra e psicanalista dos mais respeitados da classe médica portuguesa, Carlos Amaral Dias é uma personalidade cativante. Possuidor de uma sólida cultura clássica, tem um percurso de vida cheio. Em entrevista a **Homem Magazine** explica quem procura hoje a Psicanálise, encanta-se com a fineza da escrita de Freud, revela por que aderiu ao Movimento Liberal Social e confessa a sua predilecção por charutos cubanos.

Durante a semana, praticamente não tem tempo de saborear os Coronas ou os Reserva 2005 Hoyo de Monterrey que tanto aprecia. Os charutos são um prazer que exige tempo mas a que o Professor Doutor Carlos Amaral Dias só se pode permitir ao fim de semana. Durante os restantes dias, neste capítulo, o psiquiatra e psicanalista leva uma vida "espartana", mas dedica-se intensivamente à clínica. Às segunda e terça-feiras, recebe os pacientes no consultório da Duque de Loulé, em Lisboa, das 8 da manhã à meia-noite, a quarta, normalmente, é dedicada à vida universitária, também de forma intensa, das 8 da manhã às 11 da noite, à quinta-feira, de novo no consultório, para leituras científicas ou outras, à sexta-feira, manhãs no consultório, ao sábado à tarde há o programa de rádio, e, finalmente, sábado e domingo são consagrados a ler e estudar. Deste horário preenchido ficou de fora a escrita, mas os 22 livros de que é autor confirmam que também precisou de arranjar espaço na agenda para eles, sejam os destinados à classe médica (psicoterapeutas e psicanalistas) ou, nas obras de divulgação, o público em geral. Pegue-se num título ao acaso: "Freud Para Além de Freud" em dois volumes, que mereceu uma edição espanhola, já esgotada, e está prestes a ser editado em língua inglesa. O pai da Psicanálise é matéria inesgotável e prazerosa que faz desfiar um ror de histórias e sabedorias. O interesse generalizado pela obra do médico neurologista, 150 anos depois do seu nascimento, dá justeza à afirmação de que "Freud se é expulso pela porta, reentra pela janela".

Naquela sua obra, Amaral Dias faz uma releitura contemporânea das questões que Freud levantou à luz da actualidade. "Era um homem de coragem. Escrevia com uma grande elegância literária, não é por acaso que recebeu, em vida, o Prémio Goethe, que era uma distinção literária. Mas sendo literário, a fundamentação para a compreensão da histeria e neurose depressiva, o luto patológico, o masoquismo, só para dar alguns exemplos, ainda se mantém pouco alterável, outros mudaram muitíssimo na Psicanálise."

Em síntese, existem "dois" Freud: antes e depois de 1920. "A fase de mais fascínio para o tempo dele, em que Freud constitui um modelo conceptual e teórico baseado nas perturbações da sexualidade, dizendo que o sintoma é um

conflito entre aspectos sexuais reprimidos que faz remontar à primeira infância, dura até cerca de 1920. Depois disso, Freud vira tudo porque a clínica lhe confirmou que não era assim. No lugar da sexualidade aparece a angústia, enquanto sinal de perigo, o eu organiza as defesas perante a angústia e o sintoma só emerge quando há uma falha de relação entre a angústia e a defesa." O primeiro Freud mais sedutor, porque corresponde a uma fantasia

CARLOS AMARAL DIAS OLHAR POR DENTRO DO EU

salvífica para a humanidade, e o segundo, com mais consciência da complexidade do aparelho mental, sabendo que há questões que têm de ser elaboradas ao longo da vida e o que faz o analista é dar instrumentos para o fazer. "Na relação homem-mulher, a sexualidade é talvez a relação mais nobre do ponto de vista emocional. Portanto, seguramente as disfunções sexuais continuam a ser um problema complexo, com cerca de 40% dos homens e mulheres – o que é uma dose substantiva – com dificuldades sexuais." "Não existindo hoje o enquadramento social da época de Freud, somando-se o avanço nas neurociências e as descobertas da genética que passam a elucidar de outro modo a compreensão do "por dentro" dos indivíduos, o que mudou afinal? "Essas descobertas não são antagónicas e o mais célebre dos neurocientistas, o Professor Antó-

nio Damásio, o que tem feito ao longo de toda a vida é que Freud tinha razão. A sua obra é uma elaboração do ponto de vista das neurociências das descobertas de Freud do ponto de vista psicanalítico."

No seu consultório, Amaral Dias pratica psicodrama psicanalítico, que é uma terapia grupal, psicoterapia face a face, a psicanálise enquanto técnica clássica, e a psicofarmacologia. Mas, alerta o Professor, "a psicoterapia contemporânea, onde se incluem os tratamentos psicoterapêuticos e psicanalíticos, não é um pronto-a-vestir, é uma alfaiataria", o que é o mesmo que dizer que cada paciente é um caso e a abordagem será feita "por medida". Cada vez mais procuram o divã do psicanalista e o psiquiatra pessoas que não têm uma doença mental constituída, como uma esquizofrenia, uma psicose maniaco-depressiva e uma patologia *borderline*, mas problemas do quotidiano de ordem emocional que não são capazes de resolver sozinhas. Mais fácil será compreender através do exemplo citado: "Um casal tipicamente tradicional, com um filho único, aluno brilhante a estudar nos EUA, procura-me porque é capaz de lidar com a anunciada homossexualidade do rapaz. O anúncio foi uma catástrofe emocional para estas pessoas, não que o seja a homossexualidade, mas o seu súbito anúncio fez cair as expectativas dos pais. Este é o género de caso por que mais me procuram." Uma crise emocional num casal ou um estado depressivo em consequência de um conflito laboral são outros exemplos. Claro que não terá uma resposta medicamentosa mas o abuso dos "químicos" é uma preocupação. "O estado calamitoso da distribuição dos psicofármacos na sociedade portuguesa deve-se a uma intervenção demasiado precoce, livre e muitas vezes mal adequada."

Um 'ninho' liberal

Num país sem características associativas, em que essa vertente da cidadania é pouco praticada, o aparecimento de um movimento social é facto raro. Carlos Amaral Dias aderiu ao Movimento liberal Social, de constituição recente, e confessa que "pela primeira vez, desde o 25 de Abril, considerou que encontrou um 'ninho'". Movimento de jovens quadros, na faixa etária dos 20 aos 30 e poucos anos, alinha com os Liberais Democratas Europeus, a terceira maior força no Parlamento Europeu, e tem por lema "Mais liberdade, menos Estado".

» Protagonistas

// CARLOS AMARAL DIAS

"Têm uma visão liberal do mundo e esse é também o meu ponto de vista: acreditamos na economia de mercado concorrencial, numa diminuição do papel do Estado, e que os melhores têm de se diferenciar pela sua qualidade e, portanto, numa fortíssima presença desse aspecto criativo que está ligado ao sujeito individual". De momento, não está em projecto que o Movimento Liberal Social se constitua em partido, há, segundo esclarece Amaral Dias, uma "ambição reflexiva", mas aponta afinidades com o Partido Liberal holandês, "o exemplo mais prototípico do que é um partido liberal." "Do ponto de vista económico, em Portugal, estaria no centro-direita, mas do ponto de vista social está mais à esquerda que o Bloco de Esquerda." Posições liberais em relação à eutanásia, drogas leves, casamentos entre homossexuais, redução do papel do Estado no sistema de saúde e intervenção

mais activa de seguradoras, etc. são alguns dos temas que o movimento discute e sobre os quais é possível tomar contacto através do respectivo site (www.liberal-social.org). "A radicalidade do Movimento Liberal Social retoma a filosofia do movimento liberal do princípio do século XIX: de facto o liberalismo é isso." Para quem viveu com forte envolvimento o Maio de 68, o percurso desde então foi regido, sobretudo, por uma insaciável vontade de aprofundar conhecimento e esclarecer o fenómeno político. "O 'É proibido proibir' do Maio de 68 mantém-se no Movimento Liberal Social. Hoje penso que a filosofia de Marx já continha as sementes do totalitarismo, basta ler o Manifesto Comunista. O meu afastamento foi radical, mas como sou perfeccionista não descansei enquanto não percebi tudo, tive de ler Marx, Lenine, Trotsky, etc., até perceber que era um mundo de utopias mentirosas que

deram origem à maior distrofia contemporânea: Mao Tsé Tung matou mais pessoas que a 2ª Guerra Mundial, o totalitarismo da União Soviética era uma vergonha..." Ser membro da International Political Science Association confirma o interesse que o Professor desde sempre manteve pela compreensão do fenómeno político.

Discussão em família

A discussão é um estímulo constante que pratica com os filhos desde que eles são pequenos. Os três mais velhos, filhos de um primeiro casamento, situam-se politicamente em campos distintos: Henrique, economista, gere a clínica privada que o avô legou em Coimbra, "é próximo do Partido Socialista", Joana, psicóloga e a mais mediática, é conhecida como activista do Bloco de Esquerda, e Leonor, a estudar

PORTUGAL NO DIVÃ "SOMOS TRISTONHOS"

"A nossa identidade nacional é muito curiosa. Durante muito tempo, antes das auto-estradas da informação, Portugal, na periferia, não participou nos movimentos da Reforma e da Contra-Reforma, a crise que abala a Europa com o aparecimento da obra de Martinho Lutero, Calvino, etc., não toca a realidade portuguesa, para dar um exemplo de um período essencial na história do pensamento europeu. Também a Renascença não nos toca de uma forma *avant-garde*. Como nos passamos ao lado, consequentemente, fenómenos que estão ligados ao advento do conhecimento das ciências, o Século das Luzes, a racionalidade kantiana – tudo isso chega tarde e a más horas e nem podia deixar de chegar porque Portugal era um canto, a parte mais ocidental da Europa. É certo que a nossa identidade em termos geográficos existe desde muito cedo, no tempo do Império Romano esta zona já estava delimitada como hoje. Mas, sempre, o paradoxo: por um lado, lentidão na chegada do pensamento europeu, e por outro, empurrados por Castela para o lugar marítimo. O olhar para o mar marcou muito a nossa história, é um olhar saudoso, criou-nos também uma enorme rotatividade do ponto de vista das nossas identidades geográficas. O Manuelino dá conta dessa situação. A nossa música mais típica, o fado (que quer dizer destino) é marcado pela circularidade das nossas relações com o mundo que fomos descobrindo. Há quem pense que o fado é uma canção dolente de origem brasileira, repetida, por sua vez, para Cabo Verde, sob a forma de moma. A identidade nacional também é marcada pela com a forma que, desde o princípio, os assumem fluxos migratórios. As famílias italianas e as judaicas emigram em conjunto; na família portuguesa, a emigração era masculina (basta ver as obras de Ferreira de Castro ou Torga): o homem emigrava e só depois mandava ir a família, ou mantinha cá a

família e regressava. Mesmo nas emigrações mais recentes, nos anos 60, é assim que se passa. Essa relação construiu uma forma muito singular do ser português, marcando uma fortíssima idealização da imagem paternal. Há um estudo da Professora Celeste Malpique, professora jubilada do Instituto de Ciências Bio-Médicas Abel Salazar, que mostra como nas crianças da Afurada, uma zona pobre perto do Porto, com fenómenos migratórios muito intensos, existia uma relação muito próxima da mãe e a idealização muito elevada do pai. É um mundo que caricaturiza a história mítico-simbólica deste canto da Europa. As deusas femininas sempre foram preponderantes sobre os deuses masculinos. A imagem da mulher é *de per sí* muito forte. Um sintoma da relação homem-mulher que se desenvolveu no sul da Europa foi o machismo de características latinas. Enquanto no Norte da Europa se desenvolveu um feminismo muito forte, aqui as mulheres já detinham o poder, um poder emocional, relacional, simbólico. A migração acentuou este fenómeno bem como a saudade, palavra única que aparece pela primeira vez no *Leal Conselheiro* de D. Duarte. Tudo isto marcou a identidade "melancoliforme" portuguesa. Portugal é um país em que a tristeza ocupa um lugar central nas emoções. Não é uma tristeza patológica, mas uma tristeza comunicativa, que tem a ver com as idealizações que se foram construindo. Nunca abandonámos a caravela, a idealização das descobertas não parou, está no Padrão dos Descobrimentos de Salazar, na Ponte Vasco da Gama. Ou seja, sempre a localizar no passado um período em que fomos bons, vivemos um fantasma do passado sem capacidade para perceber que esse passado só faz sentido se se transformar em presente. De vez em quando temos picos eufóricos em que pensamos que voltámos a ser como no tempo de D. Manuel... A idealização num mundo perdido é um fenómeno depressivante."





A SUA RELAÇÃO COM OS LIVROS COMEÇOU MUITO CEDO E DE UM MODO *SUI GENERIS*. HOUVE UM TIO, IRMÃO MAIS NOVO DO PAI, DONO DE RARA CULTURA E SENSIBILIDADE, QUE, APERCEBENDO-SE DA FORTE CURIOSIDADE QUE MANIFESTAVA EM RELAÇÃO AO MUNDO QUE O RODEAVA, CUIDOU DE SISTEMATIZAR A APRENDIZAGEM DO SOBRINHO CARLOS. AOS 10 ANOS LIA SHAKESPEARE E OS CLÁSSICOS DA LITERATURA GREGA.

em Inglaterra, "tem uma posição muito próxima da minha e seria claramente uma pessoa do Movimento Liberal Social". Divergem nas opiniões e isso para o pai "é fantástico", ele que "odiará ter um filho igual, sinal de que não tinha tido criatividade, tinha sido um péssimo pai, criando filhos por cissiparidade, ora as plantas é que se reproduzem assim..." Qualquer deles herdou do pai uma sede do conhecimento que se aprende nos livros. "Tenho o privilégio de serem muito meus amigos e poderemos discutir e ter divergências. É-me inconcebível quando uma criança começa a ter curiosidade sobre o mundo que não lhe agarre na mão e não lhe vá mostrar as estrelas. Estou sempre a exercitar as crianças, a colocar-lhes paradoxos, ter conversas aparentemente malucas, a obrigá-las a pensar, muito mais do que dar-lhes respostas." Terá, já, levado a filha mais pe-

quena, Carlota, de 4 anos, a ver as estrelas... Carlos Amaral Dias tem hoje uma biblioteca com cerca de quarenta mil títulos (espalhados pelas casas de Lisboa, Paris, Vale do Lobo), e além da ensaística que mais lhe interessa, dá-se ao luxo de ler obras "esquisitíssimas" (como teólogos muçulmanos do século VII!) porque ao longo da vida leu praticamente tudo quanto importa.

Bases de conhecimento

A sua relação com os livros começou muito cedo e de um modo *sui generis*. Houve um tio, irmão mais novo do pai, dono de rara cultura e sensibilidade, que, apercebendo-se da forte curiosidade que manifestava em relação ao mundo que o rodeava, cuidou de sistematizar a aprendizagem do sobrinho Carlos. Aos 10 anos lia Shakespeare e os clássicos da literatu-

ra grega. "Não construí a minha relação com a cultura de forma auto-didática, tive uma orientação muito sistemática, que me facilitou a vida e me deu uma paixão 'patológica' pela leitura." Entusiástico colecionador de arte (pintura e escultura), mantém em paralelo um interesse particular por outro tipo de colecionismo, o dos relógios e das canetas. Máquinas do tempo são mais de duzentas, estão representadas todas as marcas que contam, como Patek Philippe, Vacheron Constantin, Girard-Perregaux, mais teima em preferir os Rolex. "Posso estar sem os usar durante anos e basta uma 'sacudidela' para voltarem a trabalhar! Com as canetas, o mesmo – tenho Parker, Sheaffer, Namiki, Omas, Waterman –, mas no momento de pegar numa, a escolha cai invariavelmente sobre a Montblanc. É como nos automóveis, os meus carros são Mercedes, os mais fiáveis." «